

## **ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS: A IMPLEMENTAÇÃO DE DITADURAS SOB A PERSPECTIVA DE *RICK AND MORTY***

*Douglas Queiroz*<sup>106</sup>  
UFCG-CFP  
[douglashcz@hotmail.com](mailto:douglashcz@hotmail.com)

*Orientador: Rodrigo Ceballos*<sup>107</sup>  
[rcovruski@gmail.com](mailto:rcovruski@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo busca analisar e perceber a implementação de uma ditadura de caráter totalitário narrada/transmitida sob a perspectiva da série animada de TV Rick and Morty, de como a mesma aborda em seu enredo os processos de construção e consolidação de uma ditadura utilizando-se dos discursos de massas dentro uma sociedade desestruturada. Desta maneira nos utilizaremos de tal mídia audiovisual para decupar e observar os sentidos nela embutidos na construção e divulgação de um “discurso audiovisual” sobre como ela entende e contextualiza os processos que resultam neste determinado regime político a partir de referências históricas.

**Palavras-chave:** Rick and Morty; Fontes Audiovisuais; Ditaduras Totalitárias.

### **INTRODUÇÃO**

Desde os anos de 1970 estudos vem sendo realizados tendo diversos tipos de mídias e outras linguagens como fonte, seja a música, a dança, charges, HQ's, filmes entre outras. Todas são formas de sentir e expressar, e trazem em si visões de mundo e constroem discursos. Segundo Rosenstone:

O desejo de expressar a nossa relação com o passado usando formas contemporâneas de expressão, bem como o desejo de agradar a uma sensibilidade contemporânea, mais cedo ou mais tarde tinham de nos direcionar para as mídias visuais. Primeiro, o cinema e, mais tarde, o

---

<sup>106</sup>Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG campus Cajazeiras.

<sup>107</sup>Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande - CFP. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna, atuando principalmente em História da América e Brasil Colônia (seiscentos).

seu rebento eletrônico, a televisão, se tornaram, em algum momento no século XX, o principal meio para transmitir as histórias que a nossa cultura conta para si mesma – quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais ou uma combinação das duas coisas. (ROSENSTONE, 2010: 16/17).

É nesta perspectiva que procuramos apresentar uma análise de uma das séries animadas que mais ganha público ultimamente entre jovens e adultos: *Rick and Morty*. *Rick and Morty* é uma série animada do canal norte americano Fox exibido na Adult Swim, um canal noturno com conteúdo destinado a jovens e adultos. A série foi criada por Justin Roiland e Dan Harmon e teve seu primeiro episódio exibido em dois de dezembro de 2013, estando atualmente em sua terceira temporada.

A animação é uma *sitcom*<sup>108</sup> de ficção-científica com uma forte crítica aos valores de nossa sociedade moderna, instituições como a família, o governo e a Igreja, os moldes educacionais, concepções de moralidade e sentido para a vida e nossa existência no mundo. Tudo isso é feito com muitas referências à cultura pop, fazendo a série ter um grande alcance de público. Na mesma medida a série trata de temas científicos e filosóficos como, por exemplo, as múltiplas linhas temporais e infinitos universos, o niilismo e o existencialismo; e utiliza-se do recurso do “alívio cômico” para suavizar de forma sutil tais abordagens.

Os personagens que compõem a série são Rick Sanchez, Morty Smith, Summer Smith, Beth Smith e Jerry Smith. Todos eles formam o núcleo familiar pelo qual se desencadeiam as tramas e sub-tramas da série. Rick Sanchez é um gênio da ciência, desprovido de sentidos de moral e valores; Morty que é um adolescente de 14 anos que constantemente é arrastado pelo seu avô Rick para as suas aventuras; Summer é a irmã mais velha de Morty, uma estudante de 17 anos que busca uma maior aceitação social e popularidade entre os colegas de sua escola; a Beth Smith, filha do Rick Sanchez e mãe de Morty e Summer, que trabalha como uma cirurgiã de equinos, mas sempre teve o sonho de ser uma cirurgiã de humanos; e, por fim, temos o Jerry Smith, marido de Beth e pai de Morty e Summer. Ele passa praticamente a série inteira desempregado e recebe duras críticas tanto de sua esposa como de seu sogro. Ele tenta constantemente manter o casamento que está bastante prejudicado pelas brigas do casal que são diariamente alimentadas pelo Rick.

---

<sup>108</sup> Segundo o site <http://www.teclasap.com.br/o-que-sitcom-quer-dizer/> Sitcom é uma abreviatura inglesa das palavras sit(uation) + com(edy). Em uma tradução livre significa “comédia de situação”. Este termo geralmente é usado para se referir a séries de televisão que seguem uma perspectiva cômica da vida.

As tramas que se seguem em cada episódio giram no entorno da existência das múltiplas realidades e da interpretação dos muitos mundos proposta por Hugh Everett<sup>109</sup>, em 1957, em que a cada possibilidade o universo gera outras linhas temporais onde cada uma delas aconteceu. Sendo assim nós vivemos em uma destas inúmeras realidades, onde tais mundos não interagem entre si.

Rick é o manipulador destas realidades, uma consciência quase onipotente com o uso da ciência, sendo capaz de viajar por essas inúmeras realidades e interagir com suas múltiplas versões. A interação destes “versos” se dá através do conhecimento científico e do uso de uma máquina que gera portais intra e interdimensionais, a *Portal Gun* (Arma de Portais). Com isso, ele pode constantemente explorar o mundo a sua volta sempre levando seu neto Morty como companheiro, chegando ao ponto de alterar e prejudicar algumas das realidades por onde passa.

Para analisarmos esta série animada, mais especificamente um de seus episódios, nos utilizaremos da proposta metodológica de Napolitano acerca das fontes audiovisuais onde é necessário haver uma decupagem da mídia para desvendar seus códigos e signos minuciosamente, para isso:

[...] existem duas regras fundamentais para abordar de forma mais acurada a fonte audiovisual e sonora (musical): a primeira é **não isolar seus códigos, canais e parâmetros verbais dos outros códigos, canais e parâmetros mobilizados pela fonte** (registro e edição de imagens e sons, e estruturas e gravação musicais); a segunda é **não isolar a cena ou som “real”, captado pelo meio tecnológico (a câmera, o microfone etc.) das opções de linguagem, imperativos dos códigos dominantes e das possibilidades técnicas do meio em questão** (cinema, TV, rádio, música). Nem o conteúdo da fonte audiovisual se limita aos parâmetros verbais, nem a realidade por eles registrada ou encenada é bruta e livre de qualquer filtro de linguagem ou de escolhas por parte dos realizadores (produtores, editores, diretores, roteiristas, jornalistas, etc). Essas características das fontes audiovisuais e sonoras não são limites para o historiador, mas o ponto de partida para o trabalho de crítica histórica. (NAPOLITANO, 2006: 268).

Essas abordagens geralmente são direcionadas para produtos de mídias como filmes, documentários, telejornais, músicas, entre outras. O que fizemos foi uma aplicação desta mesma metodologia a uma série animada, que pode ser facilmente alocada dentro do contexto, levando-se em consideração as armadilhas que podem

---

<sup>109</sup> Hugh Everett III (11 de Novembro, 1930 – 19 de Julho, 1982) foi um físico estadunidense que propôs a interpretação de muitos mundos (IMM) da física quântica, que ele chamou formulação do “estado relativo”. Disponível em: <https://studylib.es/doc/4631067/col%C2%B7lecci%C3%B3-bibliogr%C3%A0fica-especialitzada---1.641-registres->.

ser encontradas durante a análise. Com isso buscamos chegar a um melhor entendimento do enredo e de todo o contexto apresentado pelo episódio, a fim de nos servir de farol para enxergarmos melhor a tese principal deste trabalho.

Outro aspecto importante para compreendermos as metáforas que são postas na série é a forma como ela trabalha o humor, a partir da quebra de expectativas, onde ela referencia inúmeros filmes, seriados, séries, artistas e personagens da cultura pop para criar um cenário onde quem está assistindo já se identifica e prevê um pouco da dinâmica com os elementos já conhecidos por nós. A partir dos padrões e clichês que estamos familiarizados *Rick and Morty* desenvolve seus complexos episódios. Assim, a série não precisa focar na construção narrativa do cenário em si, mas passa a subverter as expectativas criadas por nós que estamos assistindo. Estes artifícios cômicos foram analisados por Lucas Brito em um artigo sobre a série, onde ele afirma que:

Nas comédias, estas mudanças são mais visíveis que em outros gêneros e *Rick and Morty* exemplifica bem essas novas características. Cada episódio é recheado de in-jokes alheias a sua narrativa, exigindo um conhecimento maior do espectador que é desafiado a encontrar todas essas referências. Em um primeiro contato, podemos relacionar muitas das in-jokes com o recurso da paródia. A paródia pode ser conceituada como “a criação do duplo destronante, o mesmo ‘mundo às avessas’” (BAKHTIN, 1981, p. 109), um recurso narrativo que está ligado a inversão de signos, a inversão de valores e a degradação de uma obra (FARIA; FERNANDES; PEREIRA; DANIEL, 2011). (BRITO, 2017: 2).

As *In-Jokes* referenciadas aqui pelo autor envolvem um conceito proposto por Steven Johnson que basicamente são “Piadas que só são engraçadas quando as pessoas entendem a referência”, que em nossa contemporaneidade é um recurso muito utilizado para dentro das séries e seriados para adquirirem sucesso dentro do mercado de consumo de mídias.

Na segunda instância do presente estudo, procuramos apresentar a narrativa do episódio acerca da estruturação e consolidação de um regime autoritário. Buscamos aqui levar o leitor a refletir sobre o modo como a série veicula e transmite um discurso sobre problemas sociais, como a marginalização, prostituição, corrupção, problemas econômicos e políticos dentro de uma sociedade, tudo através de metáforas e alegorias, com a ideia de mostrar como essa instauração de um regime autoritário e ditatorial se insere a partir da fragmentação e fragilidade social.

## **“THE RICKLANTIS MIXUP”:** UMA BREVE DECUPAGEM ANALÍTICA DO EPISÓDIO

Embora a série traga inúmeras possibilidades de análise pelas suas complexas abordagens, desde áreas ligadas a filosofia, questionamentos acerca da ciência moderna, e sobre a humanidade e seus costumes que estão sendo postos em cheque pelas mudanças correntes de nossa sociedade (BAUMAN, 2005: 21), nosso recorte específico neste artigo será o episódio sete da terceira temporada intitulado “The Ricklantis Mixup”, com 22: 15 minutos de duração. Neste episódio, ambos os protagonistas estão ausentes da narrativa, aparecendo apenas no início e no fim. O foco do episódio fixa-se num lugar onde eles não possuem participação, sendo assim não possuem uma atuação com os acontecimentos.

Nas primeiras cenas da Cidadela, espaço dos acontecimentos deste episódio, temos vários quadros que mostram o seu cotidiano, a rotina dos trabalhadores, a intensa busca pela produtividade, o treinamento dos militares, um pouco do preconceito existente entre Ricks e Mortys e a disciplina escolar. O episódio abordará um pouco de cada um desses núcleos.



Figura 10. Rick's e Morty's da cidadela (Autoria própria).

O personagem Rick, por se tratar de um ser perigoso por seus atos inconsequentes e bastante imprudente (visto que se trata de um personagem que descrê na existência de sentido para a vida e de conceitos de moral e certos valores), é considerado um criminoso pela federação Galáctica, um órgão responsável pela manutenção da ordem no universo. Sendo assim, para os “diversos Ricks e Mortys”

nas infinitas linhas temporais houve a necessidade de se criar uma sociedade a parte onde todos eles poderiam coexistir em um mesmo lugar sem o eminente perigo da Federação, denominado como *A Cidadela*, onde ela é regida por um conselho chamado de “conselho dos Ricks”. Este Conselho, porém, é mostrado como sendo manipulado pelos Ricks que detêm o poder econômico.

Com o passar do tempo, a Cidadela começa a se desestruturar com conflitos sociais, pois embora os Ricks sejam os seres mais inteligentes do multiverso, possuindo todos o mesmo nível e capacidade intelectual, quando passam a conviver entre eles pouco a pouco ocorre o processo de exploração de uns para com os outros, exigindo uma nova forma de governo.

Neste cenário temos um dos Mortys que se candidata a presidência com os demais Ricks, e pouco a pouco ele introduz uma revolução com um discurso populista para chegar ao poder, em seguida transformando o seu governo em um regime totalitário.

Durante este episódio temos a apresentação de alguns núcleos, além do principal, que são as campanhas eleitorais. Elas funcionam basicamente para nos apresentar o contexto conturbado pelo qual toda a estrutura social da Cidadela enfrenta.

Após uma cena que nos contextualiza do desenrolar das campanhas eleitorais disputadas na Cidadela, somos apresentados a um Rick e a um Morty policiais, altamente subversivos à “sua natureza”. O Rick é compreensivo e procura cumprir as leis e manter a integridade, porém o seu parceiro é agressivo com os outros Mortys e corrupto, recebendo propina de grandes traficantes da “Cidade dos Mortys” (um lugar onde os Mortys que não conseguiram se encaixar nos padrões adotados pela Cidadela vivem). Nessa cidade marginal impera a violência, a prostituição e um alto índice de criminalidade, como dito pelo Morty Policial:

- “Sem Ricks, sem famílias, drogados e com tendências violentas. São criados para serem ajudantes. Sem ninguém para ajudar começam a se marginalizar”. (The Ricklantis Mixup, 06:20 a 6:28 min).



Figura 11. Mortys marginalizados (autoria própria)

O segundo destes é o núcleo escolar, que mostra como a educação da Cidadela é utilizada apenas para “adestrar” os Mortys a serem altamente subservientes aos Ricks, com aulas que seguem com um padrão de conteúdo repetitivo e doutrinador.



Figura 12. Escola dos Mortys (Autoria própria)

O terceiro núcleo é o de uma fábrica de biscoitos Wafer, que mostra como a dinâmica repetitiva de trabalho, a exploração e a falta de um gerenciamento justo para com os trabalhadores mais efetivos na empresa geram uma crise identitária em um dos funcionários, chegando ao ponto de assassinar o gerente com sua própria ferramenta de trabalho. Em outras passagens do episódio em que volta-se para este núcleo, somos apresentados a ideia de como o “sucesso” e a melhora de vida das classes baixas são ilusões propagadas e controladas pela elite dominante da Cidadela.



Figura 13. Funcionário da fábrica de wafes. (autoria própria)

Enquanto estes lugares nos mostram o panorama geral dos conflitos, as eleições se seguem, onde pouco a pouco o Morty que se candidatou apresenta algumas características distintas de suas outras “versões”, mostrando ser um bom estrategista e escondendo partes de seu verdadeiro passado. E com discursos populistas passa a conquistar o apoio da maior parcela da população da Cidadela. E são especificamente estas estratégias e o desfecho proposto ao final do episódio que discutiremos a seguir.



Figura 14. Candidato Morty em seu discurso. (Autoria própria)

## **“A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO NARRATIVO VISUAL”**

Ao longo do episódio somos levados por uma narrativa que mostra os passos tomados pelo personagem Morty que se candidatou a presidência para chegar ao



poder na Cidadela, utilizando-se dos meios democráticos para consolidar ao final do episódio um regime totalitário.

A narrativa apresentada e utilizada se estabelece a partir de claras referências aos regimes consolidados durante o século XX, quase que de maneira a indicar o passo a passo e as condições necessárias para o florescimento de tais formas de governo. Criando assim um discurso sobre este tema, de maneira visual nos telespectadores, observamos este processo de fora, e somos induzidos a refletir e identificar suas metáforas e signos.

Como abordado anteriormente a trama se passa na Cidadela, uma cidade construída pelos Ricks e Mortys das inúmeras linhas temporais e realidades do multiverso. Tais personagens são perseguidos pela Federação Intergaláctica pelo perigo que apresentam para o modelo de ordem no universo, sendo considerados todos criminosos. Após um conflito direto, a Cidadela teve várias perdas humanas e materiais, com o conselho dos Ricks desposto. Houve, assim, a necessidade de se organizar rapidamente a reconstrução da Cidadela e a formação de um novo exercício de governo.

Dado o início das campanhas, o candidato Morty está em grande desvantagem até o momento, levando seu próprio partido a descrença de vitória, porém ele se apresenta confiante quanto ao debate. É neste momento que é interrogado da seguinte maneira:

- “Morty, os mortys deslocados estão crescendo e a satisfação dos Ricks está caindo. A divisão entre esses grupos nunca foi maior. Responda rapidamente.”

Em um dos momentos mais decisivos do episódio ele responde da seguinte forma:

- “Não vejo uma divisão entre Ricks e Mortys [...]. A divisão que vejo é entre Ricks e Mortys que gostam desta divisão, e o resto de nós? Vejo isso em todo canto. Vejo isso nas escolas, onde falam que Mortys são iguais porque têm medo do que nos faz únicos. Vejo isso nas ruas, onde dão armas aos Mortys para nós nos matarmos em vez de combater a injustiça. Vejo isso em nossas fábricas, onde Ricks recebem uma fração do salário dos chefes, mesmo que eles sejam idênticos e tenham o mesmo QI. O problema da Cidadela são Ricks e Mortys alimentando a nossa morte. Mas tenho uma mensagem para eles dos Ricks e Mortys que acreditam, dos Ricks e Mortys que acreditam na Cidadela, para os Ricks e Mortys que não acreditam. Nós somos a maioria!”. (Grifo nosso).

Com essa resposta ele é ovacionado pela platéia do debate. É importante percebermos em seu discurso como ele rapidamente cria um sentimento de unidade das massas e idealiza um inimigo comum a ser combatido. Como abordado por Arendt:

[...] Os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas — e não as classes, como o faziam os partidos de interesses dos Estados nacionais do continente europeu, nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos, como o fazem os partidos dos países anglo-saxões. Todos os grupos políticos dependem da força numérica, mas não na escala dos movimentos totalitários, que dependem da força bruta. (ARENDDT, 2012).

Após este acontecimento temos a resolução dos demais núcleos: a do funcionário da fábrica, dos estudantes e dos policiais. Neste intervalo de tempo já somos informados de que o candidato Morty foi vencedor das eleições, e que mesmo tendo vencido de forma esmagadora, quase que pediram a recontagem dos votos.

As medidas tomadas pelo novo presidente nos primeiros instantes após a sua chegada ao poder, já começaram a delinear os rumos de seu governo. O departamento de polícia é inteiramente modificado, desde seus trajés às suas leis; o currículo escolar também é modificado, tento um apelo maior para os jovens Mortys para a militância a favor do novo governo (lembrando que outro aspecto do totalitarismo é a propagação de sua ideologia por diversos meios, a fim de condicionar de forma sistemática a identidade de cada indivíduo). Tais métodos

Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independentemente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou as classes em massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro do poder do Exército para a polícia e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial. (ARENDDT, 2012).

Na cena final temos uma reunião entre o presidente e membros da alta elite da Cidadela. Durante o diálogo dessas personagens, o “Rick da moda” (um destes grandes empresários), faz a seguinte afirmação:

- “[...] estávamos falando, “presidente” Morty, que não ligamos para o presidente. Um Rick, um Morty ou um Jerry, não nos importamos. Comandávamos a Cidadela antes mesmo do conselho e você descobrirá que ainda a comandamos.”

Em resposta a esta fala, o novo presidente dá a ordem de execução destes empresários ali mesmo na sala de reuniões. E finaliza com o seguinte discurso:

- “Quem bom. Parece uma boa hora um drinque e um discurso calculado com conotação sinistra. Um discurso sobre política... Sobre ordem... Sobre irmandade... Sobre poder... Mas discursos são para campanhas. Agora é hora da ação.”

Ao longo destas palavras simultaneamente os quadros apresentados mostram-nos a apropriação de terras pelo Estado, a mudança do símbolo da Cidadela e o hasteamento das bandeiras com o símbolo do novo governo. Por último, terminando o episódio, está a imagem dos corpos de todos os seus opositores mortos.



Figura 15. Hasteamento da bandeira do novo governo. (autoria própria).



Figura 16. Hasteamento das bandeiras nazistas em Berlim, 1942 (Fonte: Pinterst).

E desta maneira, em uma sequência com pouco mais de 22:00 minutos, com um episódio dividido em mais de um núcleo, repleto de metáforas e piadas sarcásticas, temos uma narrativa tratante de um tema complexo, que para além da abstração do universo da série, nos leva a um exercício de reflexão acerca de nossa sociedade, por meio de diferentes perspectivas, nos conduzindo a um olhar mais crítico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não pretende este artigo abarcar toda a reflexão e análise que este episódio pode gerar, muito menos de sua série inteira, visto a limitação que suas páginas nos impõem, mas possibilitar uma de suas várias interpretações possíveis.

Além disso, buscamos problematizar algo que merece a nossa devida atenção: o modo como determinados produtos de mídia estão mudando suas abordagens para mais do que o próprio entretenimento, bem com a gradual mudança de suas narrativas.

Desde os anos de 1960 e 1970 que algumas obras pioneiras passaram a inserir outras abordagens e problemáticas para além do humor casual, como por exemplo, Monty Pythons, The Simpsons e Family Guy, trazendo novas propostas para as Sitcons e produtos de mídia em geral, que passaram a ganhar cada vez mais popularidade a partir dos anos 1990.

De filmes, seriados e séries que temos grandes heróis com grandes destinos a sua frente, como em Star Wars, Harry Potter, X-Man, Senhor dos Anéis, Percy Jackson, os heróis da Marvel e DC, e muitos outros que em seu trajeto levam a premissa da predestinação, do esforço e superação para se chegar a um futuro brilhante e vitorioso, como no cenário desenhado e idealizado pelo projeto capitalista pós queda do muro de Berlim para as novas gerações, passamos a ser confrontados com novas narrativas que ironizam os rumos de nossa sociedade e nos mostram outras possibilidades.

Temos exemplos como o The Big Bang Theory, que apresenta a partir da comédia a vida acadêmica de um grupo de amigos cientistas, criando uma espécie de humor intelectualizado; ou Westworld, que desenvolve a interação entre humanos e a inteligência artificial a fim de gerar questionamentos acerca do que é ser um humano e sobre os limites éticos e morais.

E ainda há a crescente de séries animadas como, por exemplo, Big Mouth, que trabalha seus roteiros em cima da mudança de seus personagens da infância para a adolescência e dos dilemas das transformações físicas e comportamentais. Há outros de dimensões mais profundas como Bojack Horseman, que apresenta a constante busca da felicidade na sociedade moderna como sendo algo inalcançável por se tratar apenas de uma idealização. E destas especialmente, Rick and Morty, que a cada episódio ironiza e ridiculariza (num sentido cômico) os valores, as crenças, as instituições e os modelos de sociedade criados por nós, expondo a suas fragilidades e as suas contradições.

Mapear as dimensões e os rumos que se seguem a partir destes novos contextos é ainda algo bastante prematuro, entretanto já nos servem como fontes para gerar debates como este e possibilitar o ampliamto das perspectivas de estudo sobre as fontes audiovisuais, pois como diz Marcos Napolitano:

Cada vez mais, tudo é dado a ver e ouvir, fatos importantes e banais, pessoas públicas e influentes ou anônimas e comuns. Esse fenômeno, já secular, não pode passar despercebidos pelos historiadores [...]. (NAPOLITANO, 2006: 235).

Levando isso em consideração nós, historiadores do século XXI, não podemos fechar os horizontes para os novos códigos signos da sociedade que estão se construindo a partir de seus novos sentidos e perspectivas dentro deste turbilhão que é a chamada modernidade, que nos servem de fonte, tanto para a pesquisa quanto no próprio ato da docência

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo:** Antissemitismo, Imperialismo, totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo . São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P. 504.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** tradução, Plínio Dentzien, Tradução de: Liquid modernity Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 255.

BRITO, Lucas Alves de. Rick and Morty: Cultura do Remix nas Narrativas complexas. Trabalho apresentado no DT4 – GP Estudos de Televisão e Televisualidades, **XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação**, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 04 a 09/09/2017, p 14.

*Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG*

MAGALHÃES, Theresa Calvet de. A natureza do totalitarismo: o que é compreender o totalitarismo?. Comunicação apresentada na mesa redonda “Compreendendo o Impensável”, no **Colóquio Nacional 50 anos de Origens do Totalitarismo de Hannah Arendt**, organizado pelos Programas de Pós-graduação em Filosofia, em Sociologia e em História, da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em 6 de junho de 2001.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINSKY, Sandra B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto 2005, p. 235-298.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes os filmes na história**. Tradução: Marcello Lino, São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 257.